

A FILHA DO LOUCO

MEGAN SHEPHERD

TRADUÇÃO
Ivar Panazzolo Júnior



Capítulo 1

OS CORREDORES DO SUBSOLO DA ala de pesquisa médica do King's College eram escuros, mesmo durante o dia.

À noite, eles eram como uma sepultura.

Ratos rastejavam pelos corredores, e a umidade escorria fria pelas paredes. A temperatura mais baixa nas salas subterrâneas impedia que os espécimes apodrecessem e entorpecia até a minha carne ao atravessar as camadas puídas do meu vestido. Quando eu limpava aquelas salas, tarde da noite, depois que os alunos de medicina voltavam para as suas camas quentes e confortáveis, o som do meu escovão ecoava nas salas cirúrgicas, passando pelos corredores tortuosos e indo até os depósitos onde eles armazenavam coisas que pareciam ter saído de pesadelos. Pesadelos de outras pessoas, para falar a verdade. Tecidos mortos e bisturis afiados não me incomodavam. Ser filha do meu pai fazia com que eu não me impressionasse com aquilo. Meus pesadelos continham coisas mais tenebrosas.

Meu escovão parou quando eu, paralisada pelo som familiar que vinha do corredor, encostei-o contra a parede de

alvenaria: o desagradável “tap-tap-tap” das pegadas que indicavam que o Dr. Hastings havia ficado em seu laboratório até mais tarde. Esfreguei o chão com mais força, com fúria até, mas o sangue tinha essa característica incomum de se entranhar em meio às lajotas de tal maneira que era impossível removê-lo, mesmo depois de horas de trabalho.

Os passos se aproximaram até pararem bem atrás de mim.

— Como estão as coisas, Juliet? — perguntou ele. Senti seu hálito quente na minha nuca.

“Não levante os olhos”, disse a mim mesma, esfregando as lajotas de concreto com tanta força que meus dedos começaram a sangrar.

— Estou bem, doutor — respondi, sem me estender, esperando que ele fosse embora. Mas ele não foi.

No teto, as lâmpadas elétricas zuniam e estalavam. Olhei para as pontas prateadas dos sapatos que ele usava, polidas a tal ponto que eu podia ver o reflexo de sua cabeça calva e os olhos esbranquiçados me observando. Ele não era o único professor que trabalhava até tarde, nem o único que olhava por muito tempo para o meu traseiro enquanto eu estava de quatro esfregando o chão. O cheiro de soda cáustica e de outros produtos químicos nas minhas roupas era o bastante para afastar os outros. Mas o Dr. Hastings parecia se sentir ainda mais atraído.

Ele deslizou os dedos pálidos e os fechou ao redor do meu pulso. Deixei o escovão cair.

— Seus dedos estão sangrando — disse ele, levantando-me.

— É o frio. Faz a minha pele ressecar e rachar — declarei. Tentei puxar a minha mão e me desvencilhar, porém ele me segurou com força. — Não é nada.

Os olhos dele deslizaram pela manga do meu vestido de musseline até o avental manchado e com a barra puída; um vestido que nem mesmo as empregadas mais pobres do meu pai usariam. Mas isso aconteceu há muitos anos, quando



morávamos na enorme casa em Belgrave Square, onde meu guarda-roupa era abarrotado de peles, sedas e trajes rendados que eu usaria apenas uma ou duas vezes, pois minha mãe jogava fora aquilo que havia sido moda no ano anterior como se fosse água suja.

Isso foi antes do escândalo.

Agora, os homens raramente olhavam para as minhas roupas durante muito tempo. Quando uma garota perde tudo o que tem na vida, os homens ficam menos interessados em suas saias puídas do que naquilo que há por baixo delas, e o Dr. Hastings não era exceção à regra. Seus olhos estavam fixos no meu rosto. Lucy, uma amiga, disse que eu parecia a estrela do teatro Brixton, uma francesa de maçãs do rosto proeminentes e pele muito clara, que ficava ainda mais pálida por causa de seus cabelos escuros, presos num coque em estilo *chignon* suíço. Eu prendia o meu cabelo em uma trança simples, embora algumas mechas sempre acabassem se soltando. O Dr. Hastings estendeu a mão para colocá-los por trás da minha orelha, deslizando os dedos ásperos como pergaminho na pele da minha têmpora. Por dentro eu estava quase tremendo, mas lutei para não deixar nenhuma emoção transparecer no meu rosto. Melhor não esboçar reação, melhor não estimulá-lo. Mas as minhas mãos trêmulas me traíam.

O Dr. Hastings abriu um sorriso fino. A ponta da sua língua surgiu por entre seus lábios como se fosse uma serpente.

De repente, o som de dobradiças rangendo acabou por assustá-lo. Meu coração bateu com força quando percebi aquela chance de escapar. A Sra. Bell, chefe das faxineiras, enfiou a cabeça pela porta entreaberta. Com a boca recurvada naquela expressão séria que parecia nunca se desfazer, seus olhos saltados se moviam rapidamente entre mim e o professor. Nunca fiquei tão feliz por ver aquele rosto enrugado.

— Juliet, saia daí — disse ela, ríspida. — Mary foi embora, uma lâmpada queimou e precisamos de outro par de mãos.



Afastei-me do Dr. Hastings sentindo uma onda de alívio tomar conta de mim. Meus olhos cruzaram com os da Sra. Bell rapidamente, antes de eu ir para o corredor. Eu conhecia aquele olhar. Ela não podia cuidar de mim o tempo todo.

Um dia ela poderia não estar por perto para interceder.

No momento em que me vi livre daqueles corredores escuros, corri para a rua, indo em direção a Covent Garden, enquanto a lua se aproximava do contorno dos prédios contra o céu de Londres. O vento cortante castigava as minhas canelas, atravessando a lã gasta das meias enquanto eu esperava que uma carruagem passasse. Do outro lado da rua havia uma figura solitária na plataforma do imenso coreto de madeira.

— Sua criatura desprezível — disse Lucy, saindo das sombras. Ela apertou as lapelas do seu casaco de pele contra o pescoço esguio. Suas bochechas e seu nariz estavam avermelhados, cobertos por uma leve camada de ruge francês. — Faz uma hora que estou esperando.

— Desculpe — falei, inclinando-me e pressionando meu rosto contra o dela. Os pais de Lucy ficariam horrorizados se descobrissem que ela havia escapulado de casa para vir me encontrar. Eles aprovavam nossa amizade quando meu pai era o cirurgião mais famoso de Londres, mas rapidamente a impediram de conversar comigo depois que ele foi proibido de exercer a medicina.

Para minha sorte, Lucy adorava desobedecer.

— Eles me fizeram trabalhar até tarde a semana inteira, e tive que abrir e limpar algumas salas que estavam fechadas havia tempos — disse eu. — Vai demorar alguns dias até eu conseguir tirar todas as teias de aranha dos meus cabelos.

Ela fingiu remover algo desagradável que estaria preso aos meus cabelos e fez uma careta. Nós duas rimos.

— Honestamente, não sei como você consegue suportar aquele trabalho, com os ratos e os besouros, ou... meu Deus,



qualquer outra coisa que esteja escondida lá embaixo — disse ela, com os olhos azuis brilhando maliciosamente. — Bem, de qualquer forma, vamos sair daqui. Os rapazes estão esperando.

Lucy agarrou minha mão e nós corremos pelo pátio até uma casa de tijolos vermelhos com uma escadaria de pedra. Ela segurou no batedor metálico, em forma de cabeça de cavalo, e bateu duas vezes.

A porta se abriu, e um homem jovem com uma farta cabeleira castanha e um terno refinado apareceu. Ele tinha a mesma pele clara e os mesmos olhos espaçados de Lucy; provavelmente era o primo sobre o qual me falara. Timidamente, eu observei nele a testa alta e o contorno das orelhas, bem próximas do crânio. Concluí que era bonito. Por sua vez, ele me estudou em silêncio, analisando meu casaco, que já havia pertencido a outras duas pessoas antes de chegar às minhas mãos, com os cotovelos desgastados e os rebordos de cetim tão puídos que contrastavam com os trajes finos de Lucy, feitos sob medida. Mesmo assim, percebi que o sorriso dele não se alterou nem por um momento. Provavelmente, ela o avisara de que traria uma pobretona consigo e de que ele não deveria fazer comentários rudes.

— Deixe-nos passar, Adam — disse Lucy, empurrando-o para entrar na casa. — Os dedos dos meus pés estão congelando.

Entrei logo atrás dela. Livrando-se do casaco, ela disse: — Adam, esta é a amiga de quem lhe falei. Não tem um tostão no bolso, não sabe cozinhar, mas... meu Deus, dê uma olhada nela.

Meu rosto corou e eu lancei para Lucy um olhar reprovador, mas Adam apenas sorriu.

— A única coisa que se pode dizer sobre Lucy é que ela é muito direta — declarou ele. — Não se preocupe, estou acostumado. Já ouvi coisas muito piores saírem dessa boca. E ela tem razão, pelo menos sobre a última parte.



Virei o rosto para encará-lo, esperando que ele estivesse me olhando com uma expressão lasciva. Mas Adam estava sendo sincero, o que me deixou ainda mais sem jeito.

— Onde estão os outros? — perguntou Lucy, ignorando-nos. Ouvi gritos de pessoas alegres vindo de uma das salas da casa. Lucy sorriu e foi em direção ao som. Esperei que Adam a seguisse, mas seu olhar permaneceu fixo em mim. Ele sorriu novamente.

Assustada, esperei um momento sem saber o que fazer. Aquilo era novidade. Nada de piscadelas vulgares, nada de olhares para os meus peitos. Eu devia dizer algo agradável. Em vez disso, simplesmente inspirei fundo como se houvesse alguma coisa que eu precisasse manter em segredo. Eu sabia lidar com a crueldade, não com a gentileza.

— Posso pegar seu casaco? — perguntou ele. Percebi que eu estava apertando os braços com força ao redor do meu peito, embora o interior da casa estivesse agradavelmente quente.

Forcei-me a abrir os braços e tirei o casaco.

— Obrigada — disse-lhe, com a voz quase inaudível.

Seguimos Lucy pelo corredor até uma sala de estar onde um grupo de esguios estudantes de medicina estava espalhado por sofás de couro, bebendo um líquido cor de mel. As provas daquele inverno haviam se encerrado, e eles estavam certamente celebrando o fato. Esse era o tipo de coisa que Lucy adorava fazer: invadir um clube de garotos, beber gim, jogar cartas e se divertir com as expressões de choque que causava neles. Ela conseguia justificar aquilo dizendo que estava visitando seu primo, embora aquela situação fosse muito diferente da casa da tia idosa onde Lucy supostamente deveria encontrá-lo.

Adam deu um passo à frente para se juntar ao grupo, rindo de algo que alguém dissera. Tentei me sentir à vontade em meio àquele grupo de pessoas estranhas, um pouco constrangida pelo meu vestido envelhecido e as mãos maltratadas pelo trabalho. “Sorria”, é o que minha mãe teria sussurrado.



“Você já fez parte desse grupo da sociedade”. Ainda assim, eu precisaria saber o quanto eles estavam bêbados, o formato da sala, a disposição dos móveis e qual daquelas pessoas provavelmente não riria das minhas roupas velhas. Analisando, analisando sempre. Eu não conseguia me sentir segura até conhecer cada faceta do que iria enfrentar.

Minha mãe sempre fora muito confiante quando estava em meio a outras pessoas. Era capaz de conversar tanto sobre o sermão da igreja naquela manhã quanto sobre o aumento no preço do café. Mas, em situações sociais, eu puxei meu pai. Desajeitada. Tímida. Mais apta a estudar o grupo como algum tipo de experimento social do que a me misturar a ele.

No sofá, Lucy havia se enfiado entre um garoto loiro e outro com o rosto tão vermelho quanto uma maçã. Uma garrafa de rum com apenas metade de seu conteúdo estava presa entre os dedos finos de Lucy. Quando viu que eu estava perto da porta de saída, ela se levantou e veio até onde eu estava.

— Quanto mais rápido você encontrar um marido, mais rápido você vai poder parar de esfregar o chão — afirmou ela, colocando um rosnado inofensivo na voz. — Por isso, escolha algum deles e diga algo encantador.

Engoli em seco. Meus olhos se fixaram em Adam.

— Lucy, homens como esses não se casam com garotas como eu.

— Você não faz a menor ideia do que os homens querem. Eles não querem uma fedelha esnobe criada a mingau de aveia que passa o dia inteiro bordando.

— Sim, mas eu sou uma faxineira.

— É uma situação temporária — disse ela, gesticulando como se aquilo não tivesse importância. Ou como se os meus últimos anos, os quais passei fazendo trabalhos extenuantes, não fossem piores do que um passeio no parque. Ela me cutucou nas costelas com o punho fechado. — Você vem de uma família rica. Pessoas que têm classe. Portanto, comece a demonstrar isso.

Ela estendeu a garrafa para mim. Eu quis dizer-lhe que beber rum direto da garrafa não era exatamente uma demonstração de classe, mas tudo o que eu ganharia com isso seria outro cutucão.

Olhei rapidamente para Adam. Nunca fui muito boa em perceber as emoções das pessoas. Em vez disso, eu tinha que estudar suas reações. E, nessa situação, não precisei de muito tempo para perceber que eu não era o que aqueles homens queriam, apesar da insistência de Lucy.

Mesmo assim, talvez eu pudesse fingir que era. Hesitando um pouco, tomei um gole.

O garoto loiro puxou Lucy para o sofá, ao lado dele.

— Você precisa nos ajudar a concluir um debate, Senhorita Radcliffe. Cecil diz que o corpo humano contém duzentos e dez ossos, e eu digo que são duzentos e onze.

Lucy piscou os olhos, sedutora. — Bem, tenho certeza de que eu não sei a resposta.

Eu suspirei e me apoiei contra o batente da porta.

O garoto colocou a mão no queixo dela.

— Se você se comportar bem, sem se mexer, eu poderei fazer a contagem, e encontraremos a resposta — disse ele, encostando um dedo na testa de Lucy. — Um.

Eu revirei os olhos enquanto o rapaz deslizava os dedos mais para baixo, até os ombros dela. — Dois. E três.

O dedo dele deslizava devagar, sedutor, sobre as clavículas. — Quatro — prosseguiu ele. Em seguida, baixou ainda mais, até a pele fina que cobria o esterno. — Cinco — disse ele, com a voz tão arrastada que eu podia sentir o cheiro de rum em seu hálito.

Limpei a garganta. Os outros rapazes observavam, imóveis, conforme o dedo do rapaz baixava cada vez mais, deslizando pela pele de Lucy, por sobre o colo. Por que ele não deixava aquela farsa de lado e simplesmente lhe agarrava o seio? Lucy não fazia menção de reagir, ria como se estivesse



gostando daquilo. Exasperada, eu dei um tapa na mão do rapaz, afastando-a do peito de Lucy.

O silêncio tomou conta da sala.

— Espere pela sua vez, doçura — declarou o garoto, e todos riram. Ele voltou a observar Lucy, levantando aquele dedo ridículo.

— Duzentos e seis — disse eu.

Aquela frase chamou a atenção deles. Lucy se recostou contra o sofá de couro com um suspiro enfasiado.

— Como é? — perguntou o rapaz.

— Duzentos e seis — repeti, sentindo minhas bochechas esquentando. — Há duzentos e seis ossos no corpo. Eu imaginava que um estudante de medicina soubesse disso.

Lucy balançou a cabeça com o meu comentário despropósito, mas, mesmo assim, seus lábios se entreabriram em um pequeno sorriso. O queixo do rapaz loiro caiu.

— Se duvida de mim, é só me dizer quantos ossos existem na mão de um ser humano — continuei antes que ele pudesse pensar. Os outros rapazes não se ofenderam com o meu comentário. Pelo contrário, pareceram prestar ainda mais atenção em mim. Talvez eu realmente fosse o tipo de garota que eles queriam, afinal de contas.

O único indício de reconhecimento que Lucy me deu foi inclinar levemente a garrafa de rum na minha direção.

— Eu aceito a aposta — interrompeu Adam, virando seus belos olhos verdes na minha direção.

Lucy se levantou do sofá em um salto e colocou um braço ao redor dos meus ombros.

— Ah, que maravilha! E o que vamos apostar? Não vou aceitar que Juliet arrisque a sua reputação por qualquer coisa. No mínimo, a aposta deve valer um beijo.

Fiquei imediatamente ruborizada, mas Adam apenas sorriu. — Meu prêmio, se eu estiver certo, será um beijo. E, se eu estiver errado...



— Se você estiver errado... — interrompi-o, sentindo-me atrevida. Peguei a garrafa de rum das mãos de Lucy e levei o gargalo até a boca, virando a garrafa para cima e deixando que o calor do líquido afastasse a minha insegurança. — Nesse caso, você deve vir me visitar usando um chapéu feminino.

Ele deu a volta ao redor do sofá e pegou a garrafa. O ar de confiança e a firmeza de seus passos me diziam que ele não tinha intenção de perder. Deixou a garrafa sobre a mesa que estava ao lado do sofá e deslizou o seu indicador, de maneira insinuante, ao longo dos ossos delicados do dorso da minha mão. Aquilo fez com que eu entreabrisse os lábios, flexionando os dedos dos pés para não afastar a minha mão. Disse a mim mesma que ele não era o Dr. Hastings. Adam não estava nem perto de enfiar as mãos por baixo do meu decote. Era apenas um toque inocente.

— Vinte e quatro — disse ele.

Senti uma euforia triunfante. — Errado. Vinte e sete.

Lucy me deu um beliscão na perna. Aquela situação deveria ser um flerte. E divertida.

Os olhos de Adam pareciam dançar, maliciosamente. — E como uma garota pode saber dessas coisas?

Eu me endireitei.

— Estar certo ou errado não tem nada a ver com o fato de eu ser mulher — disse-lhe, fazendo uma pequena pausa. — Além disso, a minha resposta está correta.

Adam abriu um sorriso torto.

— Garotas não estudam ciências.

Senti minha autoconfiança vacilar. Eu sabia quantos ossos havia na mão de um ser humano por causa da profissão do meu pai. Quando eu era criança, ele dava lições de fisiologia a Montgomery, nosso criado, para espanto daqueles que afirmavam que as classes inferiores eram incapazes de aprender. No entanto, ele considerava as mulheres naturalmente deficientes, e eu tinha que me esconder no armário do laboratório



durante as lições, enquanto Montgomery me passava os livros, às escondidas, para que eu estudasse. Mas eu não podia dizer isso àqueles rapazes. Todos os estudantes de medicina conheciam o nome Moreau. Eles se lembrariam do escândalo.

Lucy veio em minha defesa.

— Juliet sabe mais do que todos vocês juntos. Ela trabalha no prédio da escola de medicina. Ela provavelmente passou mais tempo em meio a cadáveres do que vocês, garotinhos sensíveis.

Eu apertei os dentes, desejando que ela não houvesse dito aquilo. Ser faxineira era uma coisa. Outra coisa era limpar o laboratório após cirurgias fracassadas. Mas Adam levantou uma sobrancelha, demonstrando interesse.

— É verdade? Bem, então eu tenho uma aposta diferente para propor a você, senhorita — disse ele. Seus olhos dançavam com a antecipação de algo mais perigoso do que um simples beijo. — Tenho uma chave que abre o prédio da faculdade, e você provavelmente sabe andar lá dentro. Vamos encontrar um esqueleto e fazer a contagem.

Os outros rapazes trocavam olhares que se espalhavam como faíscas em uma fogueira. Cada um deles cutucava algum outro, entusiasmando-se com a ideia de uma viagem clandestina até as entranhas do prédio da escola de medicina.

Lucy deu de ombros, maliciosamente. — Por que não?

Hesitei. Já havia passado tempo demais naqueles corredores embolorados. A escuridão que havia ali já ficara impregnada nos espaços que havia entre meus ossos. Era uma escuridão que tomava conta dos corredores como se fosse a sombra do meu pai, com o cheiro do formol misturado ao de seus damascos em conserva favoritos. Naquela noite eu queria simplesmente escapar das trevas, se não para cair nos braços de um futuro marido, pelo menos para ter alguns momentos felizes.

Balancei a cabeça negativamente.



Mas os rapazes estavam decididos, e não havia como convencê-los do contrário.

— Está tentando escapar de um beijo? — provocou Adam.

Eu não respondi. Meu desejo por um flerte se evaporou assim que os porões da faculdade foram mencionados. Mas, se Lucy não se intimidou com a possibilidade de estar frente a frente com um esqueleto, eu também não faria isso. Eu limpava as teias de aranha que cobriam aqueles ossos velhos todas as noites. Então, o que havia para rezear?

Lucy se aproximou e sussurrou no meu ouvido.

— Adam está querendo impressioná-la mostrando o quanto ele é corajoso, sua idiota. Desmaie quando você vir o esqueleto e caia nos braços dele. Os homens adoram esse tipo de coisa.

Senti meu estômago virar. Meu Deus, era isso que as garotas normais faziam? Fingiam ser frágeis? Por outro lado, eu era incapaz de imaginar uma mulher comum, como a minha mãe, com seu rígido senso moral, fazendo algo tão escandaloso quanto invadir corredores proibidos para cumprir um desafio. Mas o meu pai... ele não hesitaria nem por um segundo. Seria a pessoa que incitaria todos os outros a fazê-lo.

“Dane-se”. Peguei o rum e despejei os últimos goles em minha garganta. Os rapazes gritaram, animados. Ignorei o enjoo — não por causa do rum, mas por pensar nos corredores escuros onde estávamos prestes a entrar.

